

PERSPECTIVA NEORREALISTA DO ADVENTO DAS ARMAS NUCLEARES: SEGUNDA GUERRA MUNDIAL E GUERRA FRIA

Leonardo de Araujo Lemos¹

RESUMO

As armas nucleares são os objetos destrutivos mais poderosos já desenvolvidos por seres humanos. As suas origens, e propagação, estão ligadas a dois conflitos que modificaram uma vasta gama de âmbitos das Relações Internacionais. O Neorrealismo foi desenvolvido após a Segunda Guerra Mundial, e no início da Guerra Fria, de modo que consegue se adaptar aos dois. Quando se estudam as armas nucleares, programas atômicos, e políticas de Estados que desenvolveram estes, podem-se ver claras conexões com os pressupostos básicos do Realismo (não esquecidos pelos Neorrealismo), e os conhecimentos gerados pelos neorrealistas. A tecnologia para o desenvolvimento destas armas já era conhecida pouco tempo antes da Segunda Guerra Mundial. As Superpotências iniciaram programas atômicos com metas bélicas, mas durante o conflito, decisões tiveram que ser feitas, e as capacidades dos Estados tiveram que ser divertidas. No fim, apenas os Estados Unidos conseguiram criar a arma antes do fim do conflito. Durante a Guerra Fria, se viu a expansão dos arsenais atômicos dos EUA e da União Soviética, a números grandiosos. O desenvolvimento não só de ogivas nucleares, como também de meios de entrega (como mísseis e submarinos) e de conhecimentos relacionados a estas foi tremendo durante o período.

Palavras-chave: Armas Nucleares; Superpotências; Deterrência; Racionalidade.

¹ Bacharel em Relações Internacionais pelo Centro Universitário Tabosa de Almeida – ASCES/UNITA, Graduando em Administração na Universidade Federal de Pernambuco – Centro Acadêmico do Agreste - e-mail: leonardoaraujolemos@gmail.com

INTRODUÇÃO

As armas nucleares são as armas mais poderosas já criadas pela humanidade. Desde tempos imemoriais, guerras são travadas, com as mais diferentes armas. E várias destas armas já tomaram mais vidas do que uma bomba nuclear. Mas apenas a bomba traz imagens de destruição total, de aniquilação completa. Quando se pensa em programas nucleares, desenvolvendo armas, ou usinas nucleares, se pensa no que há de mais avançado no desenvolvimento científico. Armas nucleares estão em uma realidade de absolutos. Destruição absoluta, poder absoluto.

Existem mais de vinte mil² armas nucleares no mundo, divididas entre vários países, mas principalmente entre os EUA e a Rússia, que detêm mais de noventa por cento destas (NORRIS e KRISTENSEN, 2010). Os dois países têm uma história que é, sem dúvidas, marcada pela bomba atômica, esta nomeando até uma das Eras da humanidade³. A história da política mundial está ligada a essas armas, especialmente por conta das ações destes dois Estados.

A teoria Neorrealista é predominante no campo das Relações Internacionais, e sempre se demonstra pertinente para a compreensão do Cenário Político Internacional. Quando se discute política, quando se discute segurança, se discute o pensamento Neorrealista. A observância da racionalidade estatal, e da anarquia internacional fazem deste viés de pensamento o mais propício para o estudo das armas nucleares (WALTZ, 1979).

Desde os primeiros pensadores realistas, podemos observar a existência do que conhecemos como *raison d'état*⁴, ou o guiar da política em prol do ganho de poder nacional. O foco das decisões tomadas devem ser a expansão da proeminência nacional. O Realismo puro espera que um Estado conduza sua política internacional de modo a sempre manter ganhos, assim como o Neorrealismo (WALTZ, 1979).

Os textos de Mearsheimer (2001) e Waltz (1979), que são fundamentais para o Neorrealismo, deliberam diretamente sobre armas atômicas, e compreendem que estas são ferramentas da geopolítica internacional. Elas são instrumentos que demonstram real funcionalidade no decorrer de discussões políticas, e afetam os estudos de segurança. A sua influência é tremenda, em vários aspectos de um Estado.

² Aproximadamente 22.400 ogivas

³ A Era Atômica, iniciada após o primeiro teste nuclear feito pelos EUA, durante o Projeto *Manhattan*, nos anos 40.

⁴ Razão do Estado, ideal ditado pelo Cardinal Richelieu.

As escolhas que os Estados fazem podem deixar muitos “boquiabertos”, como o desenvolvimento de armas nucleares, mas os Estados Unidos (EUA) e a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) mantiveram políticas de desenvolvimento dessas armas durante mais de meio século, observando apenas as necessidades de seus objetivos finais. A expansão dos arsenais nucleares, assim, foi tremenda durante o século XX, e ela está ligada não apenas a essas duas nações, mas também àquelas envolvidas na Segunda Guerra Mundial. Entre as potências Aliadas e do Eixo, existiam mais de um programa nuclear.

Duas guerras foram cruciais para a condição atual das armas nucleares. A Segunda Guerra Mundial, e a Guerra Fria. Os dois conflitos foram marcados por esses tipos de armamentos, mesmo que de diferentes maneiras. Quando se observa os dois períodos, podem-se notar ações de certos atores estatais que explicitam a importância das armas atômicas.

Pouco antes da Segunda Guerra Mundial, foi descoberto o processo para a fissão do núcleo do átomo, o que gera uma reação destrutiva em cadeia. Em pouco tempo, os Estados se viram com uma possível arma com poderes inimagináveis. A Alemanha nazista, a União Soviética, os Estados Unidos e o Império Japonês mantiveram programas atômicos, em diferentes níveis durante a Segunda Guerra Mundial.

Durante a Guerra Fria, as tecnologias e conhecimentos relacionados às armas nucleares foram levados a níveis altíssimos. Até os dias atuais não se encontram desenvolvimentos como naquela época⁵. A União Soviética e os EUA criaram teorias e conceitos de segurança⁶ que são intimamente conectadas às armas nucleares.

Quando estudamos estes dois períodos, podemos observar que as Superpotências utilizavam ações racionais, com a meta de obter ganhos, de modo a se manter à frente dos outros Estados ao seu redor. Algumas ações podiam não se demonstrar lógicas, à primeira vista, mas poderiam ser explicadas, utilizando preceitos neorrealistas.

REALISMO

O Realismo é considerado por muitos uma herança de pensadores de eras passadas, como Nicolau Maquiavel, e o Cardinal de Richelieu. As origens dessa veia teórica realmente estão presentes nesses autores, mas a gênese do Realismo, o Realismo Clássico, surgiu após a Segunda Guerra Mundial, no início da Guerra Fria, com o livro *Politics Among Nations* de Hans

⁵B-83, a mais recente ogiva nuclear americana, foi criada em 1983.

⁶A Destruição Mútua Assegurada e a Deterrência, por exemplo.

Morgenthau (que fez uma segunda edição de sua obra em 1954, reconhecendo o Realismo, e explicitando seus princípios). Segundo Wohlforth (WOHLFORTH, 2008).

It is only a slight exaggeration to say that the academic study of international relations is a debate of realism. Realism provides a foil against which many other schools of thought define themselves and their contributions⁷ (WOHLFORTH, 2008, p. 131).

Realistas, independentemente de suas denominações, sempre se vem ligados a quatro proposições: o Grupismo: nas bases do Realismo está a noção de que política não pode ser feita sem o apoio de um grupo. Estados os agrupamentos mais importantes que existem. E no Sistema Político Internacional, a sobrevivência está ligada à coesão grupal entre Estados. Não necessariamente um agrupamento como a formação de algo maior, mas uma coligação de vontades, buscando metas similares (WOHLFORTH, 2008);

Segundo, o Egoísmo: o interesse próprio é o que guia as ações de indivíduos e Estados. Ele faz parte da natureza humana, e a sua expressão na política internacional pode ser exacerbada ou diminuída por paradigmas do Sistema Político Internacional, ou da política intranacional (WOHLFORTH, 2008);

Terceiro, a Anarquia: não existem grupos organizados em um nível supraestatal que possa realmente ordenar as ações dos Estados. Ela incentiva o Egoísmo, e a capacidade de certos atores estatais de conseguirem alcançar suas metas (WOHLFORTH, 2008);

E quarto, a Política do Poder: existe uma intersecção entre Grupismo e Egoísmo, empurra o Sistema Político Internacional a estar ligado principalmente as áreas de Segurança e Poder. Recursos, influência e controle são essenciais para a continuação de Estado, e eles agem de maneira a securitizar esses objetos (WOHLFORTH, 2008). E a Política do Poder, é um dos motivos para que Estados ajam de maneira que alguns podem achar que é amoral.

“The process of government (...) is a practical exercise and not a moral one (...)”⁸ (KENNAN, 1954, p. 48) A proposição de George F. Kennan pode ser entendida como um argumento básico do Realismo. A relativização da moralidade é utilizada por alguns pensadores realistas, mas a maioria tende a entender que a natureza humana se baseia em necessidades básicas, e que pode-se entender as diferentes moralidades Estados afora.

Não a rejeitando, mas afirmando de que esta não se aplica à política, a moralidade não faz parte do Cenário Político Internacional, regido pela anarquia, egoísmo, anarquia e política

⁷ “É apenas um pequeno exagero afirmar que o estudo acadêmico das relações internacionais é um debate do realismo. O realismo providência o contraste que muitas escolas de pensamento usam para definir a si mesmas e suas contribuições” Tradução nossa.

⁸ “O processo de governo(...) é um exercício prático, e não um moral(...)” Tradução nossa.

de poder (DONNELLY, 2008). Enquanto alguns poderiam apontar que a moralidade faz parte da natureza humana. Mas vale lembrar de que Estados (os principais atores do Sistema Político Internacional) não são seres humanos, mas agrupamentos destes.

NEORREALISMO

Uma ramificação, tanto quanto uma evolução do Realismo, inicialmente ditada por Kenneth Waltz (1979). Precedido por um período de paz armada entre as duas superpotências, a Détente⁹ (entre 1969 e 1979), mas também da Crise dos Mísseis de Cuba¹⁰ (em 1962), e a ruptura Sino-Soviética¹¹. Estes são apenas alguns dos acontecimentos que permeavam a política no mundo durante o desenvolvimento do livro de Waltz (1979).

Waltz (1979) afirmava que o sistema político Internacional segue um conjunto de princípios ordenadores, com o principal sendo o de que os membros desse sistema internacional estão em relações de coordenação, e não em relações de comando. Ou seja, os atores do sistema não precisam obedecer uns aos outros. Eles vivem em anarquia¹². Essa é uma das diferenças entre políticas nacionais e internacionais. Dentro de uma nação a estrutura segue uma hierarquia. No cenário internacional a vontade própria prevalece, mediante a capacidade nacional (WALTZ, 1979).

Outro princípio de Waltz (1979) é a falta de confiança entre os atores do sistema. Algo que dificulta o relacionamento entre os mesmos, resulta da falta de conhecimento do que os outros Estados poderão fazer. Escalações bélicas, discussões longas, e empecilhos para a construção de algum tipo de confiança, essa falta de conhecimento leva atores do sistema político internacional a agirem de maneira anárquica (WALTZ, 1979).

Mais um princípio delimitado por Waltz (1979) é o dos ganhos relativos¹³. Este afirmando que os estados em estado de competição (as Grandes Potências na Guerra Fria, por exemplo) buscam ganhos relativos, ou ganhos relacionados ao balanceamento de poder no sistema internacional. Ganhos que não observam outros fatores, como os econômicos, por exemplo. Ganhos relativos são as metas dos Estados em competição, e limitam a cooperação,

⁹ Período no qual a tensão entre os Estados Unidos e países socialistas, como a União Soviética, e a China. Esse alívio durou até a invasão soviética do Afeganistão, em dezembro de 1979.

¹⁰ Crise que resultou após a instalação de mísseis balísticos soviéticos em Cuba.

¹¹ Por conta de divergências ideológicas (em especial quanto a interpretações do Marxismo-Leninismo, e interesses nacionais conflitantes. Se iniciou em 1960, até 1989. Ela levou a uma reaproximação entre a China e os EUA, resultando em até uma visita de um presidente americano a um país socialista.

¹² Do grego *anarchía* (sem governo). Conceito de Relações Internacionais; Afirma a não-existência de órgãos/líderes supraestatais, que tenham autoridade sobre Estados nacionais.

¹³ Relacionados ao balanço de poder, que só pode ser alcançado, se tomado de outros Estados.

pois se outros atores do sistema também fizerem estes ganhos, não haverá uma diferença de poder entre estes ganhadores (WALTZ, 1979).

Enquanto Waltz (1979) afirmava esta ser a sobrevivência, John Mearsheimer (2001), teórico do Realismo Ofensivo afirma que a meta dos Estados seria maximização de suas potências. Mearsheimer, em seu livro “The Tragedy of Great Power Politics” traz conhecimentos à vertente do Neorealismo conhecida como neorealismo ofensivo (ou só Realismo Ofensivo). Por deixar claro em seu livro que os países buscam maximizar os seus ganhos e seus poderes, Mearsheimer também toca no fato de que os países não se mantem apenas reativos, como também são proativos na busca pelos ganhos desejados (MEARSHEIMER, 2001).

Mearsheimer sumariza, em seu livro, estratégias que as grandes potências usariam para aumentar o seu poder. Primeiro, a conquista de poder econômico, que se converte em poderio militar. Segundo, Potências buscam a hegemonia regional, por que grandes corpos d’água impedem a projeção de poder. Eles dificultam a movimentação de tropas (uma das representações mais básicas do poderio militar), e ajudam a delimitar os limites das Grandes Potências. E terceiro, Superpotências buscam a primazia nuclear, por mais difícil que essa meta seja (MEARSHEIMER, 2001).

Superpotências são extremamente racionais. Elas são assim por terem capacidades acima de outros Estados regulares. Simplesmente tem maiores agregados de inteligência e técnicas. Compreendem o que está ao seu redor e criam estratégias para garantir suas sobrevivências. Maximizar os seus ganhos, e garantir a diminuição dos outros, afinal todo Estado tem uma quantidade limitada de capacidades (nenhum estado tem ilimitados fundos ou exércitos). As suas ações sempre têm algum tipo de meta, ou agenda por trás delas. Todos Estados têm agendas, que envolvam o seu futuro, e as metas e aspirações. Grandes Potências têm agendas que podem envolver todos os Estados menores ao seu redor, e até mesmo outras Potências (MEARSHEIMER, 2001).

Uma grande mudança realizada no Neorealismo, foi o reconhecimento das estruturas que formam e cercam os Estados. Essas estruturas realizam a distribuição das capacidades entre os atores do cenário político internacional. Por mais que sejam anárquicas, as estruturas estão presentes. O balanço de poder¹⁴, e as capacidades, podem ditar a interdependência¹⁵, e a

¹⁴ Sem um balanço de poderes entre os Estados, existiria a propensão à anexação de territórios, e ganhos relativos.

¹⁵ A noção de que existe uma relação entre cada um do Estados do Mundo, por menor que seja. Ações no nível nacional dificilmente terão resultados em outros Estados, mas ações internacionais podem.

integração¹⁶ entre atores. Mas é importante explicar que não existe uma integração plena entre os Estados. Esta somente existe dentro da política nacional. No nível internacional, chega-se somente a espontâneas conexões (WALTZ, 1979). É entendido por alguns que a cooperação não é existente para o Realismo. Na teoria que fomenta este trabalho, se crê que é possível existir a cooperação. Mas ela é instável, difícil de alcançar, e de manter (MEARSHEIMER, 2001).

O Neorrealismo reconhece a agressão¹⁷ como um meio de aumentar o poder de um país, e entende que expandir o poderio bélico também é um desses meios, e assim o período após a publicação do texto seminal de Waltz (1979) se provou fértil para a evolução e propagação do Neorrealismo. Com o fim da União Soviética, a teoria ainda se provou importante, por conta da explicação para as ações de Estados, que para muitos seriam ilógicas (MEARSHEIMER, 2001).

DETERRÊNCIA NUCLEAR

O conceito de deterrência já existia muito antes da Guerra Fria o levar até o nível nuclear, com o qual ele é comumente relacionado hoje em dia. Armas e exércitos poderosos sempre foram ferramentas de diplomacia, tanto quanto de conflito. *Deter* é a palavra de poder na materialização da deterrência. A paragem de ações antagonistas por parte de outros Estados, em vários cenários, buscando garantir a sobrevivência própria.

Bernard Brodie afirmava, em seu texto (1958, p.3):

The threat of war, open or implied, has always been an instrument of diplomacy by which one state deterred another from doing something of a military or political nature which the former did not wish the latter to do. Frequently, the threat was completely latent (...)¹⁸ (BRODIE, 1953, p. 3).

Utilizar-se de táticas de intimidação não é algo novo, sempre fez parte dos conflitos da humanidade. Mas a deterrência, apesar de não ter uma datação, demonstra-se como uma evolução da pura intimidação. Enquanto a violência com que alguém ceda algo, mas aquele que é “deterrido” entrega o que seu oponente deseja. Não é tomado, mas é dado, de maneira a evitar a força que poderia ter sido utilizada para a tomada (SCHELLING, 1966).

¹⁶ Mesmo que limitada, a integração pode ser um meio de garantir a sobrevivência e ganhos.

¹⁷ No nível das relações internacionais, especialmente no âmbito de segurança. A movimentação de tropas, construção de armamentos pode ser percebida como uma agressão. Tanto quanto uma agressão real, mas o reconhecimento de ações como agressões.

¹⁸ “A ameaça de Guerra, evidente ou implícita, sempre foi um instrumento de diplomacia, pelo qual um Estado deteria outro de fazer algo de natureza militar ou política, que o anterior não desejasse que o último o fizesse. Frequentemente, a ameaça era completamente latente(...)” Tradução nossa

A deterrence serve, inicialmente, para blindar um país de seus adversários. O medo de uma retaliação muito poderosa, ou de destruição mútua assegurada impediu, durante períodos de tensão extrema da Guerra Fria, o decorrer de um cataclismo nuclear. Os episódios da Crise dos Mísseis de Cuba, e de Able Archer¹⁹ são exemplos na qual a deterrence quase se esfacelou, mas se manteve presente (WOHLSTETTER, 1959).

“*Deterrence in the 1960s is neither assured nor impossible but it will be the product of sustained intelligence effort and hard choices, made responsibly.*”²⁰ (WOHLSTETTER, 1959, p. 1) Wohlstetter traz, em seu texto “The Delicate Balance of Terror” a realidade das Superpotências durante a Guerra Fria. Elas não eram onipotentes. Quando uma delas trazia uma inovação, a outra logo buscava ganhos similares, de modo a permitir a manutenção da deterrence. A Corrida Espacial²¹ foi um exemplo disso. As decisões tomadas pelas Superpotências eram difíceis, pelo simples ponto de que elas eram Estados com escopos diferentes dos outros. Alcançando diferentes patamares em poderio, as realidades, de certa maneira, se alteravam para as Grandes Potências. A deterrence entre as duas se manteve por conta de muito trabalho, e riscos tomados racionalmente (WOHLSTETTER, 1959).

DESTRUIÇÃO MÚTUA ASSEGURADA

Destruição Mútua Assegurada, ou MAD (do inglês *Mutual Assured Destruction*), é uma doutrina militar, afirmante de que quando armas nucleares forem utilizadas, a destruição de um dos envolvidos no conflito nuclear estará assegurada. Os arsenais dos EUA e da URSS eclipsavam qualquer outro arsenal do planeta, nem todos os arsenais somados chegavam perto de apenas um dos depositórios das Superpotências (SIRACUSA, 2008).

Algo importante para a lógica da MAD é a paridade bélica entre as partes envolvidas no conflito nuclear. Obviamente, a destruição não seria mútua, se um Estado não tivesse um arsenal equivalente. Os líderes militares das Superpotências sabiam disto, e durante a Guerra Fria se viu uma corrida armamentista como nenhuma outra. (GERSON, 2007). Mas antes, disso, se viu a corrida para iniciar a Era Atômica.

¹⁹ Exercícios militares realizados pela OTAN, que foram entendidos por membros do Politburo Soviético como estratégias de guerra. Os soviéticos prepararam suas ogivas nucleares, mas com o fim dos exercícios, a ameaça acabou.

²⁰ “Deterrence nos anos 1960 não é assegurada nem impossível, mas será o produto de um contínuo esforço de inteligência e escolhas difíceis, feitas responsabilmente.” Tradução nossa.

²¹ Corrida pela supremacia da exploração espacial. Por meio dela foram criadas muitas tecnologias importantes para a Corrida Armamentista da Guerra Fria, como os ICBM’s.

AS ORIGENS DA BOMBA ATÔMICA E A SEGUNDA GUERRA MUNDIAL

A origem das armas nucleares está ligada intimamente à Segunda Guerra Mundial, e o período Entreguerras. A agitação política e social na Europa levou a Era Atômica. A ascensão do partido nazista na Europa e a ameaça da guerra fez com que vários cientistas se mudassem, especialmente aqueles da Alemanha e países vizinhos.

Em dezembro de 1938, os químicos alemães Otto Hahn e Fritz Strassmann, que trabalhavam no Instituto *Kaiser Wilhelm de Berlim*, bombardearam urânio com nêutrons, e encontraram, após a reação, bário, que é um elemento químico com metade da massa do urânio. A descoberta deles foi tomada mundo afora. Rapidamente, foram pensadas aplicações civis e militares para a tecnologia (WALKER, 1995).

Scientists went to the responsible military authorities in almost every country and passed on the same message, that it might be possible to harness nuclear fission both as nuclear explosives of hitherto unknown power and as nuclear energy (WALKER, 1995, p. 191)²².

Foi iniciada, então, uma corrida pela dominação nuclear, mas ainda não existia o esforço de guerra que seria visto quando o conflito subsequente começasse. Os alemães fizeram a descoberta, e tomaram a liderança na pesquisa da bomba atômica. Apesar disso, a *Heereswaffenamt*²³, braço de pesquisa e desenvolvimento do exército alemão, focou em munições e armamentos convencionais, para a *Blitzkrieg*²⁴ de 1939, contra a Polônia. Com os ataques bem-sucedidos aos polacos, e uma máquina de propaganda muito eficiente, reinava na Alemanha a sensação de que a guerra acabaria rapidamente. Com isso, a população geral não via a necessidade de armas milagrosas, e os cientistas alemães trabalhavam sem pressão (WALKER, 1995).

Uma das diferenças entre os programas nucleares americano e alemão estava nas tomadas de decisões. Os EUA, antes mesmo de Pearl Harbor, tinham, na figura de seu presidente, Franklin Delano Roosevelt, um líder que via a situação crescente na Europa como uma ameaça para os EUA, e buscou preparar o seu país para um eventual conflito (BANDEIRA, 2005).

²² Cientistas foram às autoridades militares em quase todos os países e passaram a mesma mensagem, que seria possível explorar a fissão nuclear como explosivos nucleares de um poder ainda desconhecido e como energia nuclear

²³ “Órgão de Aceitação do Exército”

²⁴ Termo alemão para “guerra relâmpago”, operação militar que se usa de ataques rápidos, surpreendendo o inimigo.

A Alemanha, no entanto, estava em plena guerra, quando se iniciaram as perguntas sobre uma possível arma nuclear. A mentalidade dos líderes nazistas buscava apenas certezas para o esforço de guerra. A maioria dos recursos que poderiam ter ido para o programa nuclear foram para o projeto dos foguetes V-2 de Wernher Von Braun²⁵ (WALKER, 1995). Foram produzidos mais de seis mil foguetes, ao custo de, aproximadamente, quarenta bilhões de dólares atuais, cinquenta por cento a mais do que o Projeto Manhattan (ORDWAY e SHARPE, 1982).

A meta das administrações de Roosevelt e Truman²⁶, os presidentes americanos durante a Segunda Guerra, era de acabar com os inimigos dos Aliados de maneira definitiva e ágil. Com isso em mente, quando Vannemar Bush, cabeça do OSRD²⁷ trouxe a ideia de pesquisar e desenvolver uma bomba atômica, em 9 de outubro de 1941, ela não foi rechaçada, ou colocada em segundo plano. O projeto atômico americano foi autorizado no mesmo dia (WALKER, 1997).

O Projeto *Manhattan*, durante seus primeiros meses, trabalhou apenas para estudar a viabilidade de uma arma atômica. Ele foi atribuído ao Corpo de Engenheiros do Exército dos Estados Unidos (Roosevelt os escolheu pela capacidade de lidar com grandes projetos deles), dirigido militarmente por Leslie R. Groves²⁸. Após a comprovação da viabilidade, Julius Robert Oppenheimer foi trazido a bordo (WALKER, 1997).

Com o tempo, os cientistas do Projeto Manhattan descobriram que uma arma nuclear seria, sim, o suficiente para acabar com a Segunda Guerra Mundial, e, para tal efeito, quaisquer outras guerras. O conhecimento do poder das armas nucleares também foi um grande incentivo para o esforço americano, tendo em vista que não era conhecida a capacidade do programa nuclear alemão (WALKER, 1997)

Em Maio de 1945, a Alemanha se rendeu aos Aliados, e foi descoberto que o programa nuclear nazista não estava no mesmo patamar que o americano, algo que foi uma surpresa, tendo em vista que muitos dos maiores físicos do século XX eram alemães (WALKER, 1997).

Isso não impediu a continuação do Projeto *Manhattan*, ainda que o último inimigo restante fosse o Império Japonês. Mesmo após o Bombardeio de Tóquio²⁹, ainda não havia acontecido a rendição nipônica, e os líderes militares americanos tinham que decidir entre quatro cidades, dois alvos para as bombas atômicas que estariam prontas em Agosto de 1945.

²⁵ Que após a Segunda Guerra, iria trabalhar na NASA, no desenvolvimento de foguetes.

²⁶ Harry S. Truman, sucessor de FDR, governou os EUA entre 12 de abril de 1945 e 20 de janeiro de 1953.

²⁷ Office of Scientific Research and Development (Agência de Pesquisa e Desenvolvimento Científicos): agência criada para a Segunda Guerra Mundial, liderava as pesquisas científicas de cunho militar.

²⁸ Tenente-General que também chefou a construção do Pentágono.

²⁹ Conjunto de bombardeios incendiários, com uma contagem de corpos de mais de oitenta mil.

Nos dias seis e nove do mesmo mês, Truman decidiu por bombear Hiroshima e Nagasaki, respectivamente (WALKER, 1997).

A mortalidade durante os ataques, ou relacionadas a estes, envolvendo ferimentos, e doenças, até hoje, traz questionamentos sobre seus números. Esses ataques devastadores, aliados ao ataque soviético à Manchúria, levou o Imperador Hirohito a assinar os termos de capitulação para com os Aliados. O mundo todo agora conhecia o poder das armas nucleares (WALKER, 1997).

Os suspeitos de costume não foram os únicos a criarem (ou até mesmo ganharem) seus arsenais nucleares. A Organização do Tratado do Atlântico Norte, por exemplo, através de acordos bilaterais de partilha nuclear (do inglês *nuclear-sharing*) (GREGORY, 1996). Os acordos firmados entre os EUA (único país com programa atômico que difundiu armas nucleares por meio de partilha nuclear), a Alemanha (na época somente a República Federal da Alemanha), a Itália, a Turquia, o Canadá, a Bélgica e a Holanda, durante a Guerra Fria, afirmavam que os Estados Unidos forneceriam as ogivas nucleares, enquanto os outros países iriam desenvolver seus próprios métodos de entrega (submarinos, aviões, plataformas de lançamento, etc.) (GREGORY, 1996).

A QUESTÃO NUCLEAR SOVIÉTICA DURANTE A GUERRA FRIA

O governo de Stálin, como Secretário-Geral da URSS, acabaria apenas com a sua morte (em 1953), mas ele deixaria para seus predecessores uma política de desenvolvimento armamentista nuclear agressiva, na qual vários âmbitos das forças armadas, da comunidade científica e de inteligência focariam seus esforços em uma campanha para se eclipsar, ou, pelo menos, se equiparar aos arsenais americanos (BALL, 1998).

Vários dos cientistas soviéticos estavam em dia com a comunidade científica mundial, e um programa atômico já estava em andamento desde 1942, ou 1943, mas, como a Alemanha, a liderança fez escolhas diferentes das americanas. O frente de batalha forçado aos soviéticos pelos nazistas também impedia o andamento seguro de um projeto tão importante (SCHWARTZ, 1996). Do primeiro teste em 1949, em diante, a União Soviética expandiu seus arsenais rapidamente (apesar de só conseguir ultrapassar os EUA nos anos oitenta), e desenvolveu múltiplas maneiras de entregar bombas atômicas, afinal, Stalin decidiu por cimentar a pesquisa e o desenvolvimento nuclear bélicos antes de falecer.

Com o decorrer da Guerra Fria, os EUA e a URSS entrariam em uma espécie de paz, a Detente (de 1963 à 1980). Enquanto o relacionamento entre os dois se tornou mais ameno, a

competição nuclear ainda ocorria. A União Soviética aproveitou o momento para mais do que quintuplicar o seu arsenal, passando de aproximadamente seis mil ogivas, para mais de trinta mil, em dez anos (BALL, 1998).

Esta Detente acabou com o acirramento da busca pela expansão das ideologias conflitantes, demonstradas por meio das mudanças de regimes, mas o acontecimento que trouxe o golpe de misericórdia para a paz frágil entre as superpotências foi a Invasão Soviética ao Afeganistão, que se iniciou em dezembro de 1979. Com o fim da tênue tranquilidade, a Guerra Fria entrou em um período de acirramento. A União Soviética passaria por períodos de estresse para o seu regime, e o seu posicionamento como Grande Potência. “*The 1970’s should have been a decade of optimism for the Soviet leadership*³⁰” (BALL, 1998, p. 178).

Com a entrada de Mikhail Gorbachev no gabinete de premier soviético, se viu pela primeira vez, uma diminuição na quantidade de bombas nucleares da URSS. Diferentemente dos EUA, a União tinha políticas para manter suas ogivas, mesmo aquelas que poderiam ser consideradas obsoletas (os EUA, em sua vez, atualizavam seus estoques e se desfaziam de armas antigas). Não só isso, como também apareceram tratados que buscavam acabar com a proliferação de armas nucleares mundo afora. Estes tratados vieram a ter falhas, não impedindo armas de chegarem a diversas áreas do mundo (BALL, 1998)

A União Soviética viria a se esfacelar em dezembro de 1991, e todas as repúblicas soviéticas ganhariam independência. Os arsenais do país defunto agora estavam não só sob o controle da Rússia, mas também de outras das antigas repúblicas, como a Ucrânia e o Cazaquistão, que manteriam os arsenais. A Guerra Fria chegava ao fim com a morte do estado socialista, mas as implicações da corrida armamentista nuclear continuam até hoje (BALL, 1998).

A QUESTÃO NUCLEAR AMERICANA DURANTE A GUERRA FRIA

Os EUA começaram a Guerra Fria com superioridade nuclear³¹, e buscavam se preparar para quaisquer possibilidades de conflito com a URSS. O Tratado do Atlântico Norte, que deu origem à OTAN, foi assinado em 1949, e a sua utilidade para o impedimento da ameaça soviética foi tremendo (BALL, 1998).

³⁰ “Os anos 1970 deveriam ter sido uma década de otimismo para a liderança soviética.” Tradução nossa.

³¹ Mantinham mais de 300 armas nucleares.

Dwight David Eisenhower se torna presidente em 1953. A sua administração (de 1953 até 1961) seria uma de entusiasmo pela capacidade estratégica pelas armas nucleares, mas também pela precaução nos possíveis usos destas (BALL, 1998). O novo paradigma mundial, da Guerra Fria, foi rapidamente internalizado, não só pelos líderes americanos, mas também por seus aliados. Alguns países da OTAN assinaram acordos com os EUA que iniciavam o processo de “partilha nuclear”. Várias ogivas nucleares, mísseis, e dispositivos para lançamento dessas armas foram instalados em vários pontos da Europa (GREGORY, 1996).

Após Eisenhower, JFK é eleito à presidência americana. Já no início de seu governo, ficava clara a vontade de garantir o poderio americano. “Kennedy desejava que o país tivesse um poder estratégico capaz de dissuadir qualquer ataque nuclear e de sobreviver, se fosse primeiramente atacado(...)” (BANDEIRA, 2005, p. 213). Não só os arsenais americanos cresciam, como das tensões entre os dois lados da Guerra Fria, e em 1962, aconteceu um evento que marcou sua presidência: a Crise dos Mísseis de Cuba (BANDEIRA, 2005).

A ascensão de um governo amistoso, a poucos quilômetros de seu inimigo, fez com que a União Soviética instalasse mísseis nucleares lá. A proximidade entre Cuba e os EUA tornou a ideia da instalação muito atraente para se deixar passar. As notícias dos armamentos soviéticos na ilha trouxeram uma grande verdade para os americanos: seu país ainda não podia ser considerado seguro. A situação no Caribe foi o momento de maior tensão durante a Guerra Fria, por conta da proximidade real do desandar dela para uma “Guerra Quente”. Foi possível uma saída diplomática, mas tal resultado só foi alcançado após o comprometimento da remoção de mísseis americanos da Turquia, e da garantia de que a União Soviética retiraria os seus armamentos de Cuba (BANDEIRA, 2005).

O governo de Lyndon Baines Johnson foi marcado por suas políticas domésticas, e pela Guerra do Vietnã. O conflito se iniciou em 1º de novembro de 1955, e a participação americana já havia sido iniciada com JFK, mas durante o seu mandato, este envolvimento aumentou muito. O seu governo expandiu o número de ogivas nucleares, como seus predecessores, mas não viu a necessidade de utilizá-las (BANDEIRA, 2005).

Após LBJ, Richard Nixon é eleito presidente. A Guerra do Vietnã, teve o seu fim iniciado por ele. Sua presidência foi marcada também por um de seus conselheiros, e Secretário de Estado, Henry Kissinger, proponente do Realismo extremamente pragmático, que ajudou a desenhar a política externa americana (BANDEIRA, 2005).

As presidências de Gerald Ford e Jimmy Carter foram marcadas pela branda movimentação dos assuntos nucleares, e o início da diminuição do arsenal nuclear americano.

Enquanto a União Soviética continuava a sua expansão nessa área, os EUA decidiram por limitar as quantidades desses armamentos (BANDEIRA, 2005).

Ronald Reagan, que teria grande influência no fim da União Soviética, seria marcada pela constante diminuição dos arsenais nucleares americanos, e da expansão dos arsenais tradicionais. A perspectiva anti-nuclear americana, de diminuição dos arsenais, que se iniciou com seus predecessores, perdura até hoje. Não necessariamente a diminuição da efetividade nuclear, mas do número de ogivas (BANDEIRA, 2005).

O governo de George H.W. Bush viu o fim da Guerra Fria, e da União Soviética. Durante a sua presidência a ogiva B-83 se tornou o padrão americano, e é até hoje (BANDEIRA, 2005). O fim do conflito não marcou o fim da influência das armas nucleares. Estas continuam na pauta do Cenário Político Internacional. Quando são observadas as atitudes dos atores estatais explanadas nesse capítulo, observa-se uma proximidade com a teoria Neorrealista, o que será avaliado mais à frente.

O NEORREALISMO E AS ARMAS NUCLEARES

O Neorrealismo foi criado após a Segunda Guerra Mundial, e inicialmente, por pessoas que foram contemporâneos dela. Não é difícil entender a compatibilidade entre a Teoria e os acontecimentos marcantes do conflito. A Guerra Fria foi um dos períodos onde os estudantes e teóricos do Neorrealismo mais geraram conhecimento, por conta da contínua confirmação do que eles propunham, e da compatibilidade geral da Teoria com os âmbitos militar, político e diplomático.

As armas nucleares sempre fizeram parte do Neorrealismo. Altamente reconhecíveis no texto de Mearsheimer (2001), e presentes no título de Waltz (1979), elas são o instrumento definitivo desenvolvido pelo complexo industrial-militar da humanidade. As armas nucleares moldaram todo um período da história humana, e são até hoje, ferramentas de *Hard* e *Soft Power*.

Um ponto importante a ser levantado é o de que antes mesmo do início da Era Atômica, as armas nucleares já eram extremamente importantes. Mesmo não sendo atores estatais, os cientistas e centros de pesquisa que iniciaram os conhecimentos atômicos notavam a importância das armas. Em um curto período, a ambição da criação de uma bomba atômica já estava na mente de atores estatais (WALKER, 1995).

O tempo, e os investimentos que se fazem necessários para qualquer investida tecnológica devem ser racionalizados pelos atores estatais que ponderam sobre a sua efetivação.

A Segunda Guerra foi um conflito que gerou diversas tecnologias, até hoje marcantes. Quando se avalia as mentalidades dos Estados, aqui avaliadas por meio das ações destes envolvendo armas nucleares, notamos a importância destas para as RI (WALTZ, 1979).

A primeira potência a iniciar um projeto atômico, como já foi citado, foi a Alemanha Nazista. Em abril de 1939, poucos meses após a descoberta da viabilidade da reação necessária para uma ogiva nuclear, o projeto, também conhecido como *Uranproject*, iniciou-se. (WALKER, 1995). No entanto, não se pode aceitar todas as opções de investimento já que todo Estado tem uma limitação de capacidades, e deve saber fazer escolhas inteligentes, seguindo a racionalidade inerente a todos os atores neorrealistas.

Na época da Guerra, muito do que se sabia sobre armas nucleares era suposição, e decisões tem que ser tomadas, desvios de capitais devem acontecer. A Alemanha nazista preferiu investir mais em armamentos convencionais, tradicionais, do que no *Uranprojekt*. Os mísseis de Von Braun, foram o projeto ao qual os investimentos alemães foram designados, a tecnologia já se demonstrava real, e os resultados a curto prazo se demonstravam mais interessantes para a Alemanha. O projeto dos mísseis V-2 teve fundos maiores que o Projeto *Manhattan*, mas no fim, não geraram os resultados esperados (WALKER, 1995).

Agora, a decisão pode se demonstrar como errada, mas deve-se lembrar que os ganhos buscados pela Alemanha não se demonstravam só no desenvolvimento de tecnologia. A indústria de guerra alemã, e a anexação dos territórios dos vizinhos se demonstrava também como metas do Estado.

Os Estados Unidos mantiveram o Projeto *Manhattan* entre 1942 e 1946, com a meta de desenvolver sua arma atômica. O seu decorrer se deu com a cooperação de cientistas britânicos e canadenses (em números menores, mas presentes) (WALKER, 1997). Se vê aqui a Política do Poder aparecer, na qual se manteve uma política de Grupismo (trazer os cientistas internacionais, seus aliados) para alcançar a meta de gerar uma arma atômica (Egoísmo).

A motivação dos bombardeios nucleares americanos contra o Japão, é um ponto importante. O Bombardeio de Tóquio, que se utilizou de armas convencionais, teve um número de vítimas semelhante ao dos bombardeios atômicos, mas ele não carrega uma mitologia consigo (WALKER, 1997).

A destruição das cidades japonesas foi vista como um meio de acabar com qualquer pretensão japonesa de se manter no Guerra, e também de mostrar o poderio americano para a União Soviética. A exclusão da moralidade da política é importante para entender essa decisão, ela não faz parte do processo decisório político de um Estado (DONNELLY, 2008).

Existiam espiões soviéticos no Programa *Manhattan* (SCHWARTZ, 1996). Os soviéticos fizeram a decisão racional de arriscar o relacionamento (tenso, mas existente, demonstrado na política de *Lend-Lease*), para conseguir ganhos relacionados à bomba atômica. Os ganhos se demonstravam mais importantes que quaisquer eventuais problemas relacionados a estas operações.

Após a Segunda Guerra Mundial, as duas Superpotências da Guerra Fria expandiam os seus programas nucleares, buscando criar arsenais que pudessem impedir os seus inimigos. As quantidades de ogivas nucleares foram, durante muito tempo, uma ferramenta de limitação do curso de ação de seus oponentes. Os dois Estados realizavam, de tempos em tempos, testes, que serviam não só para testar as suas inovações atômicas, como também demonstrar seus poderes.

A Deterrência demandava uma alta capacitação racional e de inteligência dos atores estatais que a mantinham. As tecnologias e táticas das forças armadas convergiam para a manutenção de um sistema de cheques e balanços, que perdurou desde as origens dos arsenais atômicos, até o fim da União Soviética (SCHELLING, 1966).

A Destruição Mútua Assegurada é, como a Deterrência, uma das fixações dos Estados líderes da Guerra Fria. Armas nucleares são armas estratégicas. O seu uso não abre espaço para erros, e seus resultados são absolutos. Um alvo atingido por um ICBM carregando uma ogiva B83 será obliterado. Quaisquer erros no planejamento envolvendo bombas nucleares pode gerar resultados impensáveis para uma Superpotência. No quesito da DMA, os EUA e a URSS demonstram uma racionalidade, e utilização de capacidades sem precedentes (SCHELLING, 1966).

Uma das facetas da DMA é a não-utilização das armas nucleares. A ameaça foi um dos pontos mais importantes da Guerra Fria. Quando os EUA cooperaram com os Estados da OTAN, são geradas diversas janelas para o início de um efetivo conflito nuclear. Quando a União Soviética desenvolveu submarinos que pudessem carregar mísseis nucleares, também se criaram essas janelas (GERSON, 2007).

É importante lembrar de que cooperação é possível no cenário Político Internacional, quando este é observado com uma perspectiva neorrealista (MEARSHEIMER, 2001). Ela só é improvável. A Organização do Tratado do Atlântico Norte foi necessária, para cumprir as metas de Estados. A partilha nuclear, pela qual os EUA distribuíram poderes nucleares nos territórios de seus aliados do Tratado, foi uma ação de cooperação.

A decisão que levou a este curso de ação não foi simples. Distribuir armas nucleares poderia ser observado como uma perda relativa. A distância para o lançamento de mísseis e o

impedimento das ações Soviéticas são alguns dos ganhos relativos percebidos pelos EUA nesse curso de ação.

O Grupismo geralmente se limita à homogeneidade dentro de um Estado, mas, em um nível internacional, ela pode ser a coligação de vontades, e a igualdade de metas (WOHLFORTH, 2008). As diferenças ideológicas presentes na Guerra Fria também ajudam a entender a propensão dos EUA a atuar cooperativamente, em uma área em que ele poderia se colocar em uma posição solitária.

O Egoísmo também pode ajudar a entender as ações de ambos os Estados, até mesmo quando eles agem cooperativamente. Quando os ganhos relativos são ótimos, qualquer curso de ação deve ser tomado. Se os EUA conseguem impedir a expansão da Cortina de Ferro distribuindo ogivas nucleares entre outros países, então isso deve ser feito (WOHLFORTH, 2008).

A falta de um sistema que governasse o desenvolvimento das armas nucleares, nos períodos aqui estudados, é um dos demonstrativos da Anarquia presente no Sistema Político Internacional. As Crises, de Cuba, e de *Able Archer*, também o são. O único meio que os impedia de agir dessa maneira eram as ameaças do outro.

A Segunda Guerra Mundial, e a Guerra Fria marcaram o mundo, e das duas surgiu a realidade das armas nucleares. Quando se entende que as ações dos Estados que multiplicaram estes armamentos são guiadas por princípios neorrealistas, é possível compreender as motivações e racionalizações para tais feitos.

CONCLUSÃO

Foram demonstrados dois recortes históricos neste trabalho, o da Guerra Fria, e o da Segunda Guerra Mundial, e foram estudadas algumas das políticas dos programas atômicos de Superpotências das épocas. Quando avalia-se os dois conflitos, podemos observar uma abundância de ações que podem ser observadas sob a ótica da teoria Neorrealista, e alguns de seus conceitos. A abordagem buscou demonstrar a conexão dessas duas épocas com a Teoria.

Após a Segunda Grande Guerra, as duas Superpotências da Guerra Fria, os EUA e a URSS, aumentaram os seus esforços nucleares, focando os seus capitais científicos e militares no avanço não só dessas armas, como também das tecnologias, das táticas e das estratégias militares que as rodeavam (BANDEIRA, 2005). Pode-se notar a presença de conceitos realistas básicos nas ações de Estados que, à primeira visualização, poderiam se demonstrar como perdas, como a partilha nuclear da OTAN, e o desenvolvimento conjunto de uma arma atômica.

Prova-se que algo que muitos tomam como inexistente no Neorrealismo, a cooperação, é possível sob uma égide neorrealista, mas só acontece em situações de extrema necessidade, onde qualquer ganho pode ser considerado necessário para a sobrevivência, ou a expansão do poderio do Estado.

Durante a Segunda Guerra Mundial se notava a necessidade imediata de vencer um conflito. Os processos decisórios dos Estados demonstravam a racionalidade estatal, que é muito avançada. A Alemanha nazista manteve um programa nuclear desde antes da Guerra iniciar, mas decidiu por desviar os seus recursos para o programa dos mísseis V2 (WALKER, 1995), uma decisão que se demonstrou falha, mas relativiza a necessidade de fazer decisões que buscam os maiores ganhos para o Estado.

A utilização das armas atômicas americanas contra os japoneses é um ponto que representa o pensamento dos EUA, ao racionalizar-se em perspectivas de *Hard e Soft Power*, em uma maneira de acelerar a derrocada do esforço de guerra dos japoneses. Não só isso, como também uma demonstração de poder para os soviéticos, e apesar dos dois Estados estarem aliados durante a Segunda Grande Guerra, já entravam em uma perspectiva de Guerra Fria (os soviéticos também agiram assim, com a invasão da Manchúria, por exemplo).

A avaliação da Guerra Fria demonstra extremamente acessível ao se utilizar uma visão Neorrealista. A Teoria se desenvolveu com o desenrolar do conflito ideológico, e teve a circunstância de se tornar a predominante na vasta extensão do estudo das Relações Internacionais. E as armas nucleares não foram isentas do desenvolvimento de conhecimento dos teóricos neorrealistas. Elas foram, como dito acima, parte intrínseca do embate da Guerra Fria, e entender o conflito é entendê-las.

É possível perceber as atuações das Superpotências em busca da defesa de seus territórios, seguindo uma lógica neorrealista, da busca da garantia da sobrevivência estatal, através da movimentação de ogivas nucleares e da instalação de plataformas de lançamento. A estruturação de sistemas de defesa que rodeassem os seus territórios, focados nas regiões em que o perigo de ataque fosse maior.

Com essas ferramentas novas, portanto, os dois Estados podiam agora, após um ataque inicial do outro, perdurar em uma campanha de Destruição Mútua Assegurada. A dupla manteve-se em um estado de cheque durante toda a Guerra Fria. Quando se contrasta a lógica da sobrevivência estatal com a DMA, percebe-se que quando se nota que a segurança de seu próprio território não se faz mais possível, deve-se buscar a retaliação do inimigo. Esta tática busca impedir atitudes hostis nucleares do adversário.

As Superpotências, da Segunda Guerra Mundial, e da Guerra Fria, demonstraram, através de ações e posições tomadas, a conexão entre os neorrealistas, e a temática avaliada neste trabalho. Quando se avalia a lógica das armas nucleares, não se pode chegar muito longe do Neorrealismo.

BIBLIOGRAFIA

- BALL, S. J. **The Cold War: An International History**. 1ª. ed. Nova York: Oxford University Press, 1998.
- BANDEIRA, L. A. M. **Formação do Império Americano**. 1ª. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.
- BRODIE, B. **Strategy in the Missile Age**. Santa Monica: The Rand Corporation, 1953.
- DONNELLY, J. The Ethics of Realism. In: REUS-SMIT, C.; SNIDAL, D. **The Oxford Handbook of International Relations**. 1ª. ed. Oxford: Oxford University Press, 2008.
- GERSON, J. **Empire and the Bomb: How the U.S. Uses Nuclear Weapons to Dominate the World**. 1ª. ed. Londres: PlutoPress, 2007.
- GREGORY, S. R. **Nuclear Command and Control in NATO: Nuclear Weapons Operations and the Strategy of Flexible Response**. 1ª. ed. Nova York: St. Martin's Press, 1996.
- KENNAN, G. F. **Realities of American Foreign Polic**. 1ª. ed. Nova York: W.W. Norton & Company, Inc., 1954.
- MEARSHEIMER, J. **The Tragedy of Great Power Politics**. 1ª. ed. Nova York: W.W. Norton & Company, Inc., 2001.
- NORRIS, R. S.; KRISTENSEN, H. S. Global nuclear weapons inventories, 1945–2010. **Bulletin of the Atomic Scientists**, Chicago, v. 66, n. 4, p. 77-83, Julho/ 2010.
- ORDWAY, F.; SHARPE, M. R. **The Rocket Team**. 1ª. ed. Cambridge: MIT Press, 1982.
- SCHELLING, T. C. **The Diplomacy of Violence**. New Haven: Yale University Press, 1966.
- SCHWARTZ, M. I. The Russian-A(merican) Bomb: The Role of Espionage in the Soviet Atomic Bomb Project. **Journal of Undergraduate Sciences**, Cambridge, n. 3, Verão 1996.
- SIRACUSA, J. **Nuclear Weapons: A Very Short Introduction**. 1ª. ed. Oxford: Oxford University Press, 2008.
- WALKER, J. S. **Prompt and Utter Destruction: Truman and th Use of the Atomic Bomb Against Japan**. 1ª. ed. Chapel Hill: University of Carolina Press, 1997.
- WALKER, M. **Nazi Science: Myth, Truth and the German Atomic Bomb**. 1ª. ed. Cambridge: Perseus Publishing, 1995.
- WALTZ, K. **Theory of International Politics**. 1ª. ed. Reading: Addison-Wesley Publishing Company, 1979.
- WOHLFORTH, W. C. Realism. In: REUS SMITH, C.; SNIDAL, D. **The Oxford Handbook of International Relations**. 1ª. ed. Oxford: Oxford University Press, 2008. Cap. 7, p. 131.
- WOHLSTETTER, A. The Delicate Balance of Terror. **Foreign Affairs**, v. 37, n. 2, p. 211-234, Janeiro 1959.
- WOHLSTETTER, A. W. **The Delicate Balance of Terror**. Santa Monica: The Rand Corporation, 1959.